

Saul Bellow

# Herzog

Tradução de Salvato Telles de Menezes



QUETZAL serpente emplumada | Saul Bellow

*Este livro é dedicado  
a Pat Covici, excelente editor e,  
melhor ainda, amigo generoso.*



«SE ESTOU FORA DE MIM, ISSO NÃO ME IMPORTA», pensou Moses Herzog.

Havia quem pensasse que ele estava maluco e durante algum tempo ele próprio duvidara de ter os parafusos todos. Mas agora, embora ainda se comportasse de forma estranha, sentia-se seguro de si, animado, lúcido e forte. Estava sob o efeito de um feitiço e dedicava-se a escrever cartas a toda a gente debaixo do sol. Estava tão excitado com essas cartas que, desde finais de junho, ia de um lado para outro com uma mala cheia de papéis. Tinha levado a mala de Nova Iorque para Martha's Vineyard, mas não demorou a regressar de Martha's Vineyard; dois dias mais tarde apanhou um avião para Chicago, de onde foi para uma terriola na zona ocidental de Massachusetts. Escondido no campo, escrevia incessantemente, freneticamente, a jornais, a figuras públicas, a amigos e familiares, e, por fim, aos mortos, em primeiro lugar aos defuntos próximos e quase anónimos e em segundo lugar aos famosos.

Era o pico do verão nos Berkshires. Herzog estava sozinho no velho casarão. Para quem habitualmente era tão caprichoso em matéria de comida, agora alimentava-se com pão *Silvercup* (tirado diretamente da embalagem de papel), feijão em lata e queijo americano. De vez em quando colhia

framboesas no jardim coberto de ervas daninhas, levantando os ramos espinhosos com distraída cautela. Quanto a dormir, deitava-se num colchão sem lençóis — era a sua cama de casal abandonada — ou na rede, tapado com o casaco. Ervas com barbelas bastante altas, locusta e bordos jovens envolviam-no no pátio. Quando abria os olhos à noite, as estrelas pareciam-lhe próximas, como corpos espirituais. Eram fogos, evidentemente, e gases: minerais, calor e átomos; mas eloquentes às cinco da manhã para um homem deitado numa rede e enrolado no seu casaco.

Quando alguma nova ideia se apossava do seu coração, Herzog ia para a cozinha, seu quartel-general, para a anotar. A tinta branca das paredes de tijolo estava a descascar e ele às vezes limpava caca de rato de cima da mesa com a manga da camisa, perguntando-se calmamente por que motivo os ratos do campo tinham tanta paixão por cera e parafina. Esburacavam os frascos de compota lacrados com parafina; roíam até ao pavio as velas de aniversário. Uma ratazana escavou um túnel num pacote de pão de forma e deixou a marca do corpo nas fatias. Herzog comeu a metade que sobrou barrada com geleia. Também era capaz de partilhar o que tinha com as ratazanas.

Entretanto, um recanto da mente dele permanecia aberto ao mundo exterior. Ouvia os corvos pela manhã. Os gritos estridentes deles eram deliciosos. Ouvia os tordos ao anoitecer. De noite era uma coruja. Quando passeava no jardim, excitado com uma carta mental, via as roseiras que se enroscavam no algeroz; ou observava as amoras, com os pássaros, pousados na árvore, a fartarem-se. Os dias eram quentes, as noites sufocantes e poeirentas. Olhava com atenção para tudo, mas sentia-se meio cego.

O seu amigo, o seu antigo amigo Valentine e a mulher, a antiga mulher de Herzog, Madeleine, tinham espalhado o boato de que a saúde mental dele tinha colapsado. Seria verdade?

Estava a andar ao redor da casa deserta quando viu a sombra do seu rosto numa janela cinzenta e coberta de teias de aranha. Tinha um aspeto estranhamente tranquilo. Uma linha radiante nascia-lhe a meio da testa e percorria-lhe o nariz reto até aos lábios cheios e silenciosos.

\*

No final da primavera Herzog tinha sido subjugado pela necessidade de se explicar, de se exprimir, de se justificar, de se perspetivar, de se esclarecer, de se retificar.

Nessa altura dava aulas a adultos numa escola noturna de Nova Iorque. Estava ainda razoavelmente lúcido em abril, mas no final de maio começou a variar. Tornou-se claro para os alunos que nunca aprenderiam muito sobre as raízes do romantismo, mas veriam e ouviriam coisas esquisitas. As formalidades académicas foram desaparecendo uma após outra. O professor Herzog expressava-se com a franqueza inconsciente de um homem profundamente preocupado. E perto do final do período letivo já havia longas pausas nas aulas. De repente calava-se, murmurando «Desculpem», e vasculhava os bolsos do casaco à procura da caneta. Sobre a mesa que rangia, desatava a escrever em pedaços de papel com mão tensa e ansiosa; ficava absorto, com os olhos circundados por olheiras escuras. O rosto dele, muito pálido, mostrava tudo — tudo. Estava a argumentar, a debater, estava a sofrer, tinha-lhe ocorrido uma alternativa brilhante, ora se abria a todas as possibilidades, ora se fechava; os olhos e a boca dele deixavam tudo claro sem necessidade palavras — desejo, intolerância, fúria amarga. Dava para ver tudo isso. A turma esperava três minutos, cinco minutos, no mais completo silêncio.

A princípio não havia padrão nenhum nas anotações que fazia. Eram fragmentos — sílabas sem sentido, exclamações, provérbios e citações distorcidos ou, no ídiche da mãe morta

há muito tempo, *Trepverter* — réplicas que chegavam tarde de mais, quando já se estava a descer as escadas.

Escrevia, por exemplo: *Morte — morrer — viver de novo — morrer de novo — viver.*

*Não há ninguém, não há morte.*

E: *Com a alma de joelhos? Talvez também seja útil. Para esfregar o chão.*

Em seguida: *Responde a um louco de acordo com a loucura dele para que ele não se julgue um sábio.*

*Não respondas a um louco de acordo com a loucura dele, para que não sejas igual a ele.*

*Escolhe uma.*

Anotou também: *Soube por Walter Winchell que J.S. Bach calçou luvas pretas para compor um réquiem.*

Herzog quase não sabia o que pensar desses rabiscos. Capitulava perante a excitação que os inspirava e de vez em quando suspeitava que talvez fossem um sintoma de desintegração mental. Isso não o assustava. Deitado no sofá da *kitchenette* que tinha alugado na Rua 17, às vezes imaginava que era uma indústria que produzia história pessoal e via-se a si mesmo desde o nascimento até à morte. Admitiu, num pedaço de papel:

*Não sou capaz de me justificar.*

Ao considerar toda a sua vida, apercebia-se de que tinha feito tudo mal, tudo. A sua vida estava, por assim dizer, arruinada. Mas já que, para começar, nunca tinha sido grande coisa, também não havia muito que chorar. No sofá malcheiroso, enquanto pensava nos séculos — XIX, XVI e XVIII —, extraiu, do último, um ditado de que gostava:

*O sofrimento, Senhor, é uma espécie de preguiça<sup>1</sup>.*

Continuou a fazer o seu balanço, deitado de barriga para baixo no sofá. Era um homem inteligente ou um idiota?

---

<sup>1</sup> Epigrama de Samuel Johnson (1709-1784). (*N. do T.*)

Bem, naquele momento não podia dizer que era muito inteligente. No passado talvez tivesse tido o potencial de um indivíduo engenhoso, mas em vez disso optara por ser um sonhador e os espertalhões depenaram-no. Que mais? Estava a perder o cabelo. Lia os anúncios da Thomas Scalp Specialists com o exagerado ceticismo de um homem cuja vontade de acreditar era profunda, desesperada. Especialistas em couro cabeludo! Portanto... era um homem que tinha sido bonito. A cara dele revelava as pancadas que havia apanhado ao longo da vida. Mas tinha sido ele que pedira para lhe baterem e até chegara a dar força aos seus agressores. Isso levou-o a avaliar o seu próprio carácter. Que tipo de carácter era o seu? Bom, de acordo com o vocabulário moderno, era narcisista; era masoquista; era anacrónico. O seu quadro clínico era depressivo — não do tipo mais grave; não era um maníaco-depressivo. Havia estropiados piores à sua volta. Se se acreditasse, como toda a gente parece acreditar hoje em dia, que o homem é um animal doente, estaria ele por acaso espetacularmente doente, excepcionalmente cego, extraordinariamente deteriorado? Não. Era inteligente? O seu intelecto teria sido mais efetivo se ele tivesse contado com um temperamento paranoico agressivo, ávido de poder. Era ciumento, mas pouco competitivo, não um verdadeiro paranoico. E que dizer da sua cultura? Era obrigado a admitir, agora, que tão-pouco chegava a ser um professor competente. Oh, aplicava-se, possuía uma sinceridade ampla e imatura, mas talvez nunca viesse a conseguir ser sistemático. Tinha tido um começo brilhante com a sua tese de doutoramento: *O Estado de Natureza na Filosofia Política Inglesa e Francesa dos Séculos XVII e XVIII*. Também tinha no seu currículo vários artigos e um livro, *Romantismo e Cristianismo*. Mas todos os outros projetos ambiciosos tinham murchado, um após outro. Graças aos seus primeiros êxitos, nunca tivera dificuldade em encontrar trabalho ou obter bolsas de investigação. A Narragansett Corporation havia-lhe pagado quinze mil

dólares ao longo de vários anos para que continuasse os seus estudos sobre o romantismo. Os resultados permaneciam no armário, numa velha pasta — oitocentas páginas de argumentação caótica que nunca tinham encontrado o seu enfoque. Era doloroso pensar nisso.

No chão, a seu lado, havia pedaços de papel e ocasionalmente inclinava-se para escrever.

Agora escreveu: *Não se trata daquela longa doença, a minha vida, mas daquela longa convalescença, a minha vida. A revisão liberal-burguesa, a ilusão do progresso, o veneno da esperança.*

Pensou durante um momento em Mitridates, cujo organismo, gradualmente, aprendera a conviver com o veneno. Enganou os seus assassinos, que cometeram o erro de usar pequenas doses, e ficou em conserva, em vez de ser destruído.

*Tutto fa brodo*<sup>1</sup>.

Ao retomar o seu autoexame, admitiu que havia sido um mau marido — duas vezes. Daisy, a primeira mulher, tinha-a ele tratado sordidamente. Madeleine, a segunda, tinha tentado arruiná-lo. Para o filho e a filha era um pai carinhoso mas mau. Para os pais, tinha sido um filho ingrato. Para a pátria, um cidadão indiferente. Para os irmãos e a irmã, afetuoso mas distante. Com os amigos, egoísta. No amor, indolente. Perante tudo o que era brilhante, mortiço. Em relação ao poder, passivo. E com a sua própria alma, evasivo.

Satisfeito com a severidade que revelava em relação a si próprio, regozijando-se de facto com a dureza e o rigor do seu juízo de valor, deixou-se continuar deitado no sofá, com os braços estendidos para trás e as pernas esticadas sem propósito.

---

<sup>1</sup> Ditado italiano que equivale, *grosso modo*, a «o que não mata, engorda». (N. do T.)

*Não obstante, como continuamos a ser encantadores.*

O Papá, pobre homem, era capaz de enfeitiçar os pássaros nas árvores, os crocodilos na lama. Madeleine também tinha muito encanto e beleza pessoal, bem como uma mente brilhante. Valentine Gersbach, o amante dela, era igualmente um homem encantador, embora tivesse um estilo mais pesado, brutal. Tinha um queixo grosso, flamejantes cabelos cor de cobre que lhe jorravam literalmente da cabeça (não precisava da Thomas Scalp Specialists) e uma perna de pau que o fazia caminhar inclinando-se e endireitando-se com graciosidade, como um gondoleiro. Ao próprio Herzog não faltava encanto. Mas Madeleine tinha-lhe danificado a potência sexual. E, sem a faculdade de atrair mulheres, como haveria de recuperar? Era nesse sentido que se sentia mais convalescente.

*A mesquinhez dessas batalhas sexuais.*

Com Madeleine, vários anos antes, Herzog tinha começado uma vida nova. Ele tinha-a afastado da Igreja — quando se conheceram, ela acabara de se converter. Com os vinte mil dólares que havia herdado do pai encantador, para agradar à nova mulher, Herzog abandonou uma posição acadêmica perfeitamente respeitável e comprou um velho casarão em Ludeyville, Massachusetts. Nos tranquilos Berkshires, onde tinha amigos (os Gersbach), deveria ser-lhe fácil escrever o segundo volume sobre as ideias sociais dos românticos.

Herzog não abandonou a vida acadêmica por se estar a sair mal. Pelo contrário: a reputação dele era boa. A tese tinha-se tornado uma obra influente e sido traduzida para francês e alemão. O primeiro livro que escreveu, que não havia obtido muita repercussão quando foi publicado, estava agora em muitas listas de leitura obrigatória, e a geração mais jovem de historiadores encarava-o como o modelo de um novo tipo de História, «História que *nos* interessa» — pessoal,

*engagée* —, que examina o passado com uma intensa necessidade de relevância contemporânea. Enquanto esteve casado com Daisy, Moses levou a vida perfeitamente normal de um professor assistente, respeitada e estável. Essa primeira obra mostrava, com um trabalho de investigação muito objetivo, aquilo que o cristianismo havia representado para o romantismo. Na segunda tornou-se mais duro, mais assertivo, mais ambicioso. Tinha surgido uma grande dose de aspereza, na verdade, no seu carácter. Tinha uma vontade forte e talento para a polémica, exibindo gosto pela filosofia da História. Ao casar com Madeleine e renunciar à universidade (porque ela achava que ele devia fazer isso), para se enterrar em Ludeyville, também demonstrou que tinha inclinação e talento para o perigo e para o extremismo, para a heterodoxia e as provações, que sentia uma atração fatal pela «Cidade da Destruição». Queria escrever uma História que levasse realmente em conta as revoluções e convulsões de massa do século xx, aceitando, com Tocqueville, o progresso universal e duradouro da igualdade de condições, o avanço da democracia.

Mas não podia iludir-se a si próprio sobre esse trabalho. Começava a desconfiar seriamente dele. As suas ambições sofreram uma travagem brusca. Hegel estava a criar-lhe alguns problemas. Dez anos antes, havia tido a certeza de que compreendia as ideias do filósofo sobre consenso e civilidade, mas alguma coisa tinha corrido mal. Estava angustiado, impaciente, irritado. Ao mesmo tempo, ele e a mulher estavam a comportar-se de modo muito peculiar. Ela estava insatisfeita. No início, não queria que ele fosse um mero professor, mas mudou de ideia ao fim de um ano no campo. Madeleine considerava-se demasiado jovem, demasiado inteligente, demasiado vital, demasiado sociável para se enterrar nos remotos Berkshires. Decidiu concluir os estudos em línguas eslavas. Herzog escreveu para Chicago em busca de emprego.

Tinha também de encontrar qualquer coisa para Valentine Gersbach. Valentine era um locutor de rádio, um *disk-jockey* em Pittsfield. Não era possível deixar pessoas como Valentine e Phoebe sozinhas naquela terra deprimente, dizia Madeleine. Chicago foi escolhida porque era onde Herzog tinha crescido e mantinha boas relações. Assim, começou a dar aulas no Downtown College e Gersbach tornou-se diretor cultural de uma emissora de FM no Loop. A casa perto de Ludeyville foi fechada, uma casa no valor de vinte mil dólares, com livros e porcelana fina inglesa e utensílios novos abandonados às aranhas, às toupeiras e aos ratos do campo — dinheiro que o Papá ganhara com tanto trabalho!

Os Herzog mudaram-se para o Midwest. Mas passado mais ou menos um ano dessa nova vida em Chicago, Madeleine chegou à conclusão de que ela e Moses não combinavam — queria o divórcio. Ele teve de conceder-lho, que outra coisa poderia fazer? E o divórcio foi doloroso. Ele estava apaixonado por Madeleine; não suportava a ideia de ficar afastado da filha. Mas Madeleine recusou-se a continuar casada com ele e é preciso respeitar os desejos dos outros. A escravatura está morta.

A tensão causada pelo segundo divórcio foi insuportável para Herzog. Sentiu-se destruído — a desfazer-se em pedaços — e o Dr. Edvig, o psiquiatra de Chicago que tratava ambos os Herzog, concordou que talvez fosse melhor para Moses sair a cidade. Chegou a acordo com o reitor do Downtown College, que aceitou que ele pudesse regressar quando se sentisse melhor, e com dinheiro emprestado pelo irmão, Shura, partiu para a Europa. Nem toda a gente que se vê sob a ameaça de uma crise nervosa pode dar-se ao luxo de procurar alívio na Europa. A maioria das pessoas tem de continuar a trabalhar; deve continuar a prestar contas diariamente, deve continuar a apanhar o metro. Ou então bebe e vai ao cinema, onde fica a sofrer. Herzog deveria ter ficado

grato. A menos que se tenha estoirado de vez, há sempre alguma coisa a agradecer. E na verdade ele estava grato.

Nem se pode dizer que tenha permanecido ocioso na Europa. Fez uma digressão cultural para a Narragansett Corporation, fazendo conferências em Copenhaga, Varsóvia, Cracóvia, Berlim, Belgrado, Istambul e Jerusalém. Mas em março, quando regressou a Chicago, estava pior do que em novembro. Disse ao reitor que talvez fosse melhor permanecer em Nova Iorque. Não se encontrou com Madeleine durante essa visita. O comportamento dele era tão estranho e, segundo ela, tão ameaçador, que lhe fez saber, por intermédio de Gersbach, que não devia aproximar-se da casa da Harper Avenue. A polícia tinha uma fotografia dele e prendê-lo-ia se o visse a cirandar por lá.

Começava a tornar-se claro para Herzog, incapaz de fazer quaisquer planos, como Madeleine preparara tudo na perfeição para se livrar dele. Seis semanas antes de o despachar, convencera-o a arrendar, por duzentos dólares mensais, uma casa perto de Midway. Quando se instalaram, Moses construiu estantes, limpou o jardim e consertou a porta da garagem; montou as portadas contra tempestades. Uma semana apenas antes de pedir o divórcio, Madeleine mandou lavar e passar a ferro as roupas dele, mas no dia em que ele saiu a casa ela enfiou-as numa caixa de cartão que depois atirou para o fundo das escadas da cave. Precisava de mais espaço no guarda-roupa. E ocorreram outras coisas, tristes, cômicas ou cruéis, dependendo do ponto de vista. Até ao último dia, o tom das relações de Herzog com Madeleine foi bastante sério — isto é, ideias, personalidades e assuntos eram respeitados e discutidos. Quando ela lhe anunciou a novidade, por exemplo, expressou-se com dignidade, usando aquele estilo tão dela, simultaneamente encantador e imperioso. Tinha pensado no assunto segundo todos os pontos de vista, disse ela, e tinha de aceitar a derrota. Juntos não iriam

a lugar algum. Estava preparada para assumir parte da culpa. É evidente que Herzog não foi totalmente apanhado de surpresa. Ainda que tivesse pensado que as coisas estavam a melhorar.

Tudo isto aconteceu num dia radioso e intenso de outono. Ele tinha estado no quintal das traseiras a instalar as portadas contra tempestades. A primeira geada já havia atingido os tomates. A erva estava densa e macia, com a beleza peculiar que adquire quando chegam os dias frios e os fios das teias de aranha a cobrem pela manhã; o orvalho era espesso e duradouro. As folhas dos tomateiros tinham escurecido e as esferas vermelhas rebentado.

Tinha visto Madeleine na janela das traseiras do andar de cima, a deitar June para uma soneca, e mais tarde ouviu a água da banheira a correr. Agora estava a chamá-lo da porta da cozinha. Uma rajada de vento vinda do lago fez estremecer nos braços de Herzog o vidro emoldurado. Apoiou cuidadosamente as portadas contra a parede do alpendre e tirou as luvas de lona, mas não a boina, como se pressentisse que teria que partir em viagem de imediato.

Madeleine odiava violentamente o pai, mas não era despreciando que o velho fosse um famoso empresário teatral — às vezes chamado o Stanislávski americano. Tinha preparado o acontecimento com um certo génio teatral característico. Trazia meias pretas, saltos altos, um vestido cor de alfazema com brocados indígenas da América Central, bem como brincos de opala e pulseiras. Também se perfumara. Tinha feito um novo penteado, com uma risca diferente, e as pálpebras brilhavam-lhe com um cosmético azulado. Os olhos eram azuis, mas a intensidade da cor era curiosamente afetada pelos matizes variáveis da parte branca. O nariz, que descia das sobranceiras numa elegante linha reta, contorcia-se ao de leve quando estava especialmente agitada. Para Herzog, até esse tique era precioso. Havia um toque de submissão no seu

amor por Madeleine. Uma vez que ela era dominadora, e uma vez que ele a amava, tinha de aceitar isso. Naquela confrontação na sala desarrumada estavam presentes dois tipos de egoísmo, e Herzog, no seu sofá em Nova Iorque, analisava-os agora — o dela triunfal (havia preparado o grande momento, estava prestes a fazer o que mais desejava: desferir um golpe) e o dele, em estado de suspensão, convertido em passividade. O que quer que viesse a sofrer, seria merecido; pecara gravemente e por muito tempo; tinha-o merecido. Era isso.

Perto da janela, em prateleiras de vidro, havia uma coleção ornamental de garrafinhas de vidro, venezianas e suecas. Vinham com a casa. O sol batia-lhe em cheio naquele momento. A luz trespassou-as. Herzog via as ondas, os filamentos de cor, as espetrais barras transversais e em especial uma grande mancha de branco incandescente a meio da parede, por cima de Madeleine, que estava a dizer:

— Não podemos continuar a viver juntos.

O discurso dela prosseguiu por vários minutos. As frases estavam bem construídas. Aquele discurso tinha sido ensaiado e também parecia que ele tinha estado à espera daquela atuação.

O casamento deles não era daqueles que pudessem durar muito. Madeleine nunca o amara. Estava a dizer-lhe:

— É doloroso ter de dizer que nunca te amei. E nunca te amarei — disse ela. — Portanto, não faz sentido continuarmos juntos.

Herzog disse:

— Eu, sim, amo-te, Madeleine.

Passo a passo, Madeleine foi ficando mais distinta, mais brilhante, mais perspicaz. A cútis encheu-se-lhe de vários matizes, e as sobrancelhas e aquele nariz bizantino erguiam-se, agitavam-se sem cessar; os olhos azuis ganhavam intensidade graças ao rubor, cada vez mais acentuado, que lhe subia do

peito e da garganta. Estava sob o efeito de um êxtase de consciência. Ocorreu a Herzog que ela o tinha batido de forma tão cabal, satisfazendo tão plenamente o seu orgulho, que a sua inteligência transbordava de força. Apercebeu-se de que estava a testemunhar um dos momentos mais altos da vida dela.

— Devias agarrar-te a esse sentimento — disse ela. — Acredito que é verdadeiro. Tu amas-me realmente. Mas acho que também compreendes a humilhação que representa, para mim, admitir o fracasso deste casamento. Investi nele tudo o que tinha. Estou destroçada.

Destroçada? Nunca a tinha visto com um aspeto mais esplendoroso. Havia naquela postura um elemento teatral, mas muito mais de paixão.

E Herzog, um homem sólido, ainda que pálido e sofredor, deitado no sofá na prolongada tarde de uma primavera em Nova Iorque, tendo como pano de fundo a energia vibrante da metrópole, com uma sensação e um cheiro de água de rio, uma faixa de imundície dramática e embelezadora fornecida por Nova Jérсия ao crepúsculo, Herzog, na prisão da sua privacidade e ainda forte de corpo (a saúde dele era um autêntico milagre; esforçara-se ao máximo para ficar doente), imaginava o que poderia ter acontecido se, em vez de ouvir Madeleine de modo tão intenso e compenetrado, a tivesse esbofeteado. E se a tivesse atirado ao chão, agarrado pelos cabelos, arrastado pela sala aos berros e pontapés, açoitado até lhe fazer sangrar as nádegas. E se tivesse feito isso!? Ter-lhe-ia rasgado as roupas, arrancado o colar, dado murros na cabeça. Rejeitou essa violência mental com um suspiro. Temia estar a regozijar-se, em segredo, com esse tipo de brutalidade. Mas vamos supor pelo menos que lhe tivesse dito que saísse *ela* de casa. Afinal a casa era *dele*. Se não podia viver com ele, porque não se ia embora? Com medo do escândalo? Não havia razão para que ficasse preocupada

com um pequeno escândalo. Teria sido doloroso, grotesco, mas um escândalo, no fim de contas, é uma espécie de serviço à comunidade. Só que não tinha passado pela cabeça de Herzog, na sala das garrafas cintilantes, defender o seu território. Ainda pensava que talvez pudesse vencer graças ao atrativo da passividade, da personalidade, vencer no terreno do ser; porque, apesar de tudo, era Moses — Moses Elkanah Herzog —, um homem bom, e o benfeitor particular de Madeleine. Tinha feito tudo por ela — tudo!

— Discutiste essa decisão com o doutor Edvig? — perguntou. — O que é que ele acha?

— Que diferença me faz a opinião dele? Quem é ele para me dizer o que devo fazer. A única coisa que pode fazer é ajudar-me a compreender... Fui a um advogado — disse ela.

— Que advogado?

— Bom, o Sandor Himmelstein. Por ser um amigo teu. Disse-me que podes ficar em casa dele até que arrumes as coisas.

A conversa estava terminada, e Herzog voltou para as portadas contra tempestades na humidade verde e sombria do pátio das traseiras — para o seu obscuro sistema de idiosincrasias. Pessoa de tendências irregulares, praticava a arte de dar voltas aos factos aleatórios para preparar a investida sobre o que era essencial. Muitas vezes acalentava a esperança de apanhar de surpresa o essencial, mediante um divertido estratagema. Mas nada disso aconteceu enquanto manuseava os vidros tilintantes, de pé no meio dos ramos murchos do tomateiro queimados pela geada e amarrados a estacas com bocados de pano. O aroma da planta era intenso. Continuou às voltas com as janelas porque não admitia sentir-se um estropiado. Temia as profundezas do sentimento que acabaria por ter de enfrentar quando já não pudesse recorrer às suas excentricidades em busca de alívio.

Nessa atitude de colapso no sofá, com os braços fletidos sobre a cabeça e as pernas esticadas, deitado com menos estilo

que um chimpanzé, os olhos dele, com um brilho mais forte do que o habitual, observavam o seu próprio trabalho no jardim com distanciamento, como se contemplasse pela parte da frente de um telescópio uma imagem minúscula mas nítida.

*Aquele bufão sofredor.*

\*

Duas questões, portanto: ele sabia perfeitamente que as suas notas garatujadas, aqueles rascunhos de cartas, eram ridículas. Era uma coisa involuntária. As suas excentricidades tinham tomado conta dele.

*Há alguém dentro de mim. Estou em seu poder. Quando falo dele, sinto-o na minha cabeça, lutando para impor ordem. Vai arruinar-me.*

*Foi relatado, escreveu ele, que várias equipas de cosmonautas russos se perderam; devemos supor que se desintegraram. Ouviu-se uma delas lançar um «SOS — mundo SOS». Os soviéticos não confirmaram.*

*Querida mamã, quanto às razões por que não visito o teu túmulo há tanto tempo...*

*Querida Wanda, Querida Zinka, Querida Libbie, Querida Ramona, Querida Sono, preciso desesperadamente de ajuda. Tenho medo de me desintegrar. Caro Edvig, a questão é que também a loucura me foi negada. Nem sei porque te deveria escrever. Caro Sr. Presidente, as regras do Imposto sobre Rendimentos vão fazer de nós uma nação de contabilistas. A vida de cada cidadão está a tornar-se um negócio. Isto, segundo me parece, é uma das piores interpretações do sentido da vida humana que a História alguma vez viu. A vida dos homens não é um negócio.*

«E como devo assinar isto?», pensou Moses. Cidadão indignado? A indignação é tão fatigante que deveria ser reservada para a principal injustiça.

*Querida Daisy*, escreveu à primeira mulher, *sei que é minha vez de visitar Marco no acampamento no Dia dos Pais, mas este ano receio que a minha presença possa perturbá-lo. Tenho-lhe escrito e tenho-me mantido a par das suas atividades. Contudo, tenho a impressão de que me culpa pela rutura com Madeleine e também acha que abandonei a sua meia-irmã. É demasiado jovem para entender a diferença entre os dois divórcios.* Aqui Herzog interrogou-se sobre se seria apropriado discutir mais a fundo o assunto com Daisy e, evocando a imagem do rosto bonito e irado dela ao ler a carta ainda não escrita, decidiu não se alargar. Continuou: *Acho que seria melhor para o Marco não me ver. Tenho estado doente — sob vigilância médica.* Notou com desagrado que recorria ao seu velho truque de apelar à compaixão. Cada personalidade tem a sua própria maneira de atuar. Uma mente poderia observá-la criticamente. Herzog não se importava com a sua própria personalidade e de momento não havia aparentemente nada que pudesse fazer quanto aos seus impulsos. *Vou recuperando a saúde e a força aos poucos —* como uma pessoa de sólidos princípios positivos, moderna e liberal, as notícias da recuperação dele (a serem verdadeiras) deviam agradar-lhe. Enquanto vítima desses impulsos, Daisy devia procurar todos os dias nos jornais o obituário dele.

A forte constituição de Herzog resistia obstinadamente à sua hipocondria. No começo de junho, quando o renascimento da vida perturba muitas pessoas, quando as novas rosas, mesmo nas montras das lojas, as fazem pensar nos seus fracassos, em esterilidade e morte, Herzog submeteu-se a um minucioso exame médico. Foi ao consultório de um velho refugiado, o Dr. Emmerich, no West Side, com vista para Central Park. Um porteiro desalinhado, com um cheiro de idade avançada a rodeá-lo e uma boina da campanha dos Balcãs de meio século antes, deixou-o entrar na antessala em

ruínas. Herzog despiu-se no gabinete do médico — de um verde inquieto, horrendo; as paredes escuras pareciam intumescidas com a doença dos prédios velhos nova-iorquinos. Não era um homem alto, mas tinha uma constituição robusta, os músculos desenvolvidos pelo trabalho duro que tinha feito no campo. Tinha vaidade nos músculos, na largura e na força das mãos, mesmo na maciez da pele, mas receava acreditar demasiado no papel de homem atraente e convencido a envelhecer. «Velho tonto», disse a si mesmo, desviando os olhos do pequeno espelho, do cabelo que estava a ficar grisalho, das rugas de riso e de amargura. Através das lâminas da persiana olhou para as pedras castanhas do parque, salpicadas de mica, e para o verde vibrante e otimista de junho. Aquilo não demoraria a estragar-se, à medida que as folhas crescessem e Nova Iorque depositasse a sua fuligem no verão. Mas agora era especialmente belo, vívido em todos os pormenores — os ramos, os pequenos dardos, as formas subtis do verde em expansão. A beleza não é uma invenção humana. O Dr. Emmerich, curvado mas vigoroso, examinou-o, auscultou-lhe o peito e as costas, observou-lhe os olhos com uma lanterna, mediu-lhe a pressão arterial, fez-lhe o toque retal e colocou-lhe os fios para o eletrocardiograma.

— Bom, é um homem saudável... Já não tem vinte e um anos, mas está forte.

Herzog ouviu o diagnóstico com satisfação, é claro, embora se sentisse levemente dececionado. Tinha esperado uma doença específica que o mandasse para o hospital durante algum tempo. Assim não teria que cuidar de si. Os seus irmãos, que se tinham mais ou menos distanciado, correriam outra vez e a irmã Helen talvez viesse tomar conta dele. A família arcaria com as despesas e pagaria a pensão de Marco e June. Essa possibilidade ficara descartada. À parte a pequena infeção que havia contraído na Polónia, gozava de boa saúde, e mesmo essa infeção, agora curada, não tinha sido

atribuída a uma causa específica. Talvez a causa tivesse sido o estado anímico dele, a depressão e a fadiga, e não Wanda. Durante um dia, um dia horrível, pensou que fosse gonorreia. «Tinha de escrever a Wanda», pensou, enquanto punha a camisa para dentro da calça e abotoava os punhos. *Chère Wanda*, começou, *Bonnes nouvelles. T'en seras contente*. Era outro dos seus obscuros casos amorosos em francês. Por que outra razão teria mergulhado na sua *Fraser and Squair*<sup>1</sup> no liceu e lido Rousseau e De Maistre na faculdade? As suas façanhas não eram apenas escolares, mas também sexuais. E eram mesmo façanhas? Era o seu orgulho que devia ser satisfeito. A carne ficava apenas com as sobras.

— Então qual é o seu problema? — perguntou o Dr. Emmerich. Um velho, de cabelo grisalho como o dele, rosto fino e espirituoso, olhou-o nos olhos. Herzog julgou ter entendido a mensagem. O médico estava a dizer-lhe que naquele consultório decadente examinava os realmente debilitados, os desesperadamente doentes, mulheres atacadas, homens moribundos. Então o que é que Herzog queria dele? — Parece muito nervoso — acrescentou Emmerich.

— Sim, é isso. Estou nervoso.

— Quer *Miltown*? *Snakeroot*? Tem insónias?

— Não muito graves — disse Herzog. — Mas não consigo controlar os pensamentos.

— Quer que lhe indique um psiquiatra?

— Não, já me basta a psiquiatria que tive.

— E que me diz de umas férias? Leve uma rapariga para o campo, para a praia. Ainda tem aquela casa em Massachusetts?

— Só que teria de a reabrir.

— O seu amigo ainda mora lá? O locutor de rádio. Como é que se chamava esse matulão de cabelo ruivo e perna de pau?

---

<sup>1</sup> Gramática de língua francesa. (N. do T.)